

# Plano ainda gera controvérsia

O problema ambiental número um de Brasília está com os dias contados. A poluição hídrica do Lago Paranoá, que há quase duas décadas preocupa técnicos e autoridades do Governo, será tratada com um investimento de mais de Cz\$ 1 bilhão e a utilização de uma tecnologia moderna, privilégio ainda de poucos países da Europa Ocidental, Estados Unidos e África do Sul.

Os estudos para a definição de um projeto de despoluição do lago levaram 15 anos. O lago estava à beira da catástrofe, com a ameaça de repetição do desastre ecológico ocorrido em 78, em uma proporção 10 vezes maior. O Governo resolveu agir. E se essa ação não fosse decretada logo, o próprio presidente da Caesb,

Willian Penido Valle, admite que a morte biológica do lago seria questão de poucos anos.

A meta do projeto, cujas obras deverão ser iniciadas em fevereiro, é aumentar o teor de oxigênio do lago, reduzido hoje quase a zero. Mas, se há um consenso quanto à necessidade de uma ação imediata para ressuscitar o Lago Paranoá, existe discordância quanto ao projeto que será executado. O coordenador da Coama, Benjamin Sicsu, acredita que antes dele ser concluído, a obra já estará defasada.

Sicsu se baseia no relatório de uma comissão presidida pelo hoje ministro da Saúde, Roberto Santos, criada ano passado para estudar alternativas de despoluição do lago. A con-

clusão da comissão foi de que a única solução seria a descentralização do tratamento de esgotos, com a construção de estações em vários pontos da bacia. No entender da comissão, os interceptores e coletores seriam métodos ultrapassados.

Há outras discordâncias em relação ao projeto, mas o presidente da Caesb, Willian Penido, está convencido de que ele resolverá definitivamente o problema da poluição do Lago Paranoá. Sua convicção se baseia no parecer de outra comissão, formada por especialistas estrangeiros e representantes de algumas empresas de consultoria, que examinou o projeto, propôs pequenas alterações e aprovou sua execução imediata.